

ETHICIDADES TELEVISIVAS: MOLDURAS E MOLDURAÇÕES

Suzana Kilpp

(Revista Fronteira (UNISINOS). , v.IV, p.209 - 218, 2002)

INTRODUÇÃO

No Brasil ainda perdura uma certa ideologização do debate acadêmico sobre a televisão, decorrente não tanto da situação política que vivemos hoje, e nem tanto das questões de gosto, nem porque seria talvez politicamente correto: em grande parte isso ocorre por conta de uma resistência do objeto em dar-se a ver, e por uma dificuldade que temos de adentrar o vídeo e chegar às gramáticas televisivas - ao propriamente televisivo.

Entretanto, a tevê está implicada na experiência, muito interessante, de um mundo que ainda não percebemos bem como funciona e, porque é fundamental compreendê-lo melhor, gostaria de oferecer algumas respostas a algumas questões que estão envolvidas nas moldurações com as quais a televisão enuncia certos sentidos identitários (éticos e estéticos) às durações, *personas*, objetos, fatos e acontecimentos que dá a ver - as ethicidades televisivas, ou as subjetividades virtuais que habitam os mundos propriamente televisivos.

O TELEVISIVO: ETHICIDADES, MOLDURAS E IMAGINÁRIOS

Entendendo o televisivo como aquilo que nos permite pensar e dizer que tal coisa é tipicamente um produto da televisão, ou uma enunciação típica da tevê, a questão passa a ter de ser tratada em relação com as identidades, ou com os sentidos identitários. O televisivo, o propriamente televisivo, diz sobre os sentidos identitários da televisão e sobre os mundos televisivos, cujos imaginários são mais ou menos compartilhados com os de outros mundos.

Esses sentidos identitários estão contextualizados e têm uma trajetória, sendo, portanto, uma construção histórica. Ao situar a TV no Brasil na história da globalização recente, percebe-se, por exemplo, que ela participa da fundação ou instauração de um certo discurso

sobre a brasilidade - uma brasilidade que é televisiva. Mas os sentidos identitários da e na televisão também transcendem os contextos, e as enunciações de tais ou quais sentidos devem ser associadas à circunstância, mais geral, de a tevê fundar um discurso televisivo na esfera da comunicação globalizada, no qual as ethicidades têm lugar privilegiado - inclusive as ethicidades nacionais, mas de longe apenas elas. No televisivo, os sentidos identitários são, portanto, uma questão fulcral e abrangente.

Em se tratando de identidades, precisamos pensar também nos modos de lidar consigo e com os outros, modos que participam da construção dos sentidos identitários, por semelhança e diferenciação. Assim, movimentando-se preferencialmente em relação a sentidos identitários, os modos de a tevê lidar com os outros (os mesmos e os diferentes) são fundamentais. Proponho, então, que se admita, nos termos de Lévi-Strauss (1955), duas perspectivas básicas de lidar com a alteridade dos outros - a fágica e a êmica¹ - ressaltando, porém, que essas duas formas, opostas, de lidar com a alteridade configuram-se não absolutamente, mas como tendências preponderantes, as quais, no Brasil - e possivelmente cada vez mais nas sociedades em rede -, dão-se a ver, às vezes, em formas bem mais complexas e híbridas.

Como a tevê enuncia esses sentidos (como ela cria esses mundos, que imaginário de mundos estão aí sitiados, quais são as subjetividades virtuais que deles fazem parte) ? é, por isso, a questão que articula as demais.

Então, avançando nas explicações, a meu ver, o que engendra o televisivo, o propriamente televisivo, está relacionado a três eixos fundantes:

1 - O eixo das ETHICIDADES, entendendo-se as ethicidades como as subjetividades virtuais (durações, *personas*, objetos, fatos e acontecimentos que a televisão dá a ver como tais, mas que são, na verdade, construções televisivas);

¹ Perspectiva fágica_- absorção da alteridade (do outro, da diferença) como forma de neutralizar sua "força temível" e de se beneficiar dela; perspectiva êmica - segregação (apartamento) desses "seres temíveis".

Tratando-se de subjetividades virtuais (uma flagrante redundância enfática), importa dizer que sujeito e subjetivo, nos termos de Bergson (1999), é aquilo que muda de natureza ao se dividir. É também o virtual, na medida em que se atualiza, que está em vias de atualizar-se, que é inseparável do movimento de sua atualização, pois um ser não é o sujeito, mas a expressão da tendência (tendência que é contrariada por outra tendência, outro ser).

As ethicidades, enquanto virtualidades, atualizam-se em certas e diferentes molduras e moldurações, e seus sentidos são negociados (emoldurados) em diferentes instâncias entre emissor e receptor (ou consumidor, ou espectador, tanto faz), que ainda compartilham, de modo desigual e diferenciado - mas minimamente - de certos imaginários que tornam os sentidos comunicáveis.

2 - O eixo das MOLDURAS, entendendo-se

as molduras como as molduras, quase-molduras e molduras virtuais, em geral sobrepostas, que instauram, no interior de suas bordas ou manchas (incluindo aí as molduras-filtro), territórios de significação;

a molduração como um procedimento de ordem técnica e estética que realiza certas montagens no interior das molduras;

e o emolduramento como o agenciamento dos sentidos (pessoal e culturalmente referenciado).

Com as molduras e as moldurações procede-se a uma oferta de sentidos. Como cada termo remete aos demais, proponho que a percepção de uma ethicidade deve levar à situação e compreensão das molduras e das moldurações em que ela foi enunciada, para que se perceba, não só os sentidos, mas também os procedimentos teórico-metodológicos (no caso do pesquisador e dos discursos sobre o objeto) e os criativos (no caso das imagens televisivas) usados para a enunciação.

3 - O eixo dos IMAGINÁRIOS, que permitem a comunicação dos sentidos, entendendo-se

o imaginário como o conjunto de marcas de enunciação das culturas (identidades coletivas), manifestas e visíveis nos discursos, na arte, nos produtos culturais..., ou que são por eles mediadas;

e os imaginários televisíveis como os imaginários televisivos atravessados pela moldura corpo do espectador (um corpo singularmente inserido na sociedade e na cultura, com um repertório singular de imagens e molduras).

Para Castoriadis (1982), o imaginário é criação incessante e essencialmente indeterminada de figuras/formas/imagens, sendo que aquilo que chamamos realidade e racionalidade são seus produtos. Todo pensamento da sociedade e da história pertence em si mesmo à sociedade e à história. A instituição (aquilo que é instituído) é uma rede simbólica, socialmente sancionada, onde se combinam, em proporções e em relações variáveis, um componente funcional e um componente imaginário. Segundo Castoriadis, quando afirmamos que o imaginário só representa um papel porque há problemas “reais” que os homens não conseguem resolver, estaríamos esquecendo que os homens só chegam a resolver esses problemas reais, na medida em que se apresentam, porque são capazes do imaginário; e que os problemas só se constituem como estes problemas em função de um imaginário central da época ou da sociedade considerada.

Para o autor, o imaginário social é mais real do que o “real”, e cada sociedade constitui seu próprio real: ele seria condição de existência da sociedade como sociedade humana. Na sociedade contemporânea pela primeira vez, ao mesmo tempo que persistiria sob múltiplas formas a ligação homológica² entre universo social e universo das divindades, ela estaria

² Lógica ou racionalidade replicante, agendada; a mesma lógica que se repete.

sendo questionada, e isso porque imagem do mundo e imagem da sociedade estariam sendo dissociadas, mas também e, sobretudo, porque elas tenderiam a deslocar-se cada uma por sua conta. Esse seria um importante aspecto da crise do imaginário (instituído) no mundo moderno, sendo que a pseudo-racionalidade moderna seria uma das formas históricas do imaginário.

ETHICIDADES TELEVISIVAS

As mais sólidas ethicidades televisivas são as “emissoras televisivas”, os “canais de televisão”, os “gêneros”, os “programas”, as outras unidades televisivas autônomas (os “promos” e os “comerciais”), os “panoramas televisivos” com suas moldurações intrínsecas, a “programação” e a própria “televisão”, sendo que a tevê produz molduras e moldurações em que são enunciados os sentidos identitários das mesmas, isto é, a tevê diz o que entende que sejam.

Mas essas ethicidades são também molduras de outras ethicidades, sendo que umas estão sempre remetendo a outras, numa sobreposição às vezes vertiginosa de quadros de experiência. Se, de um lado, tal sobreposição de molduras multiplica os sentidos, de outro lado produz sucessivos deslocamentos dos sentidos enunciados, ao final desmanchando-os e dando motivos a que se pense que não há sentido na tevê.

Esse é o ponto de partida da análise. Para que não se caia na armadilha dos falsos problemas (como dizer o que a tevê não é ou o que deveria ser), é necessário ir adiante, mover-se entre as molduras, perscrutar seus confins e verificar os deslocamentos dos sentidos habitados para chegar aos novos sentidos que estão sendo enunciados, àquilo que tem a natureza de uma gramática televisiva - e que tem muito menos a ver com os conteúdos do que com as técnicas e as estéticas praticadas.

Vou desconstruir e comentar brevemente, em relação, as mais sólidas ethicidades e molduras.

Emissoras televisivas e canais de televisão

Os canais são lugares de fala de emissoras, autorizados e providos pelo poder público, e legitimados pela população que os sintoniza, autorizada ela a receber seus sinais.

Os canais são também territórios virtuais, visivelmente ocupados por certas emissoras que representam parcerias historicamente contingentes, territórios que se atualizam na comunicação das ethicidades dos brasileiros autorizados a falar sobre a brasilidade em determinados canais e nos termos dessa molduração. A ethicidade das emissoras, no entanto, é enunciada pelas próprias emissoras - pelos modos como produzem e veiculam os promos - como sendo, ao contrário, um caráter autônomo, independente da condição de cessionárias.

O espectro que analisei é o das emissoras de TV aberta veiculadas em Porto Alegre pelos canais 2, 4, 5, 7, 10 e 12, e em relação a cada uma delas destaquei algumas práticas adotadas para dizer ao espectador quem ela é e o que a diferencia ethicamente das demais, inclusive as com quem divide o canal. Proponho que esses sentidos identitários têm a ver principalmente com a maneira como cada emissora vê e se insere no negócio televisão. Trata-se principalmente do uso das logomarcas, das chamadas de emissoras e suas vinhetas, das chamadas de programas e suas vinhetas, das estéticas, dos *links* (sobreposição de molduras/marcas), e das estratégias de *marketing* que são exteriores mas que participam da enunciação (por exemplo a revista *Caras* e o *Baú da Felicidade*).

Os gêneros

A tevê moldura os gêneros de tal forma que, ao final, dá origem a um gênero televisivo, e mais do que relativizar as noções de “real” e “ficcional”, o gênero televisivo participa da dissolução de certos mundos e da instauração de novos.

Nesses termos, a moldura gênero, em sua relação com as demais ethicidades, torna-se bastante produtiva se pensada como

- o gênero televisivo, que pode ser mais ou menos autoral;
- a realidade televisiva, que pode ser mais ou menos documental ou ficcional.

Programas e outras unidades televisivas autônomas

Os programas e as outras unidades autônomas (os promos e os anúncios publicitários) são tecnicamente moldurados no fluxo televisivo. Mantêm-se, assim, apartados, mas ingerem uns sobre os outros, e decorrem dessa prática algumas questões éticas (relacionadas aos sentidos identitários), que são também atravessadas pelas molduras e moldurações praticadas pelos programas. Aí, é importante perceber as tensões que existem entre a moldura programa e a programação, e a intervenção do *ibope* (audiência) tanto na programação quanto no programa.

Os programas também adotam várias práticas que são enunciativas de sua ethicidade, como é o caso da abertura dos programas, dos promos, das vinhetas do programa e a inserção dos comerciais dos "anunciantes" (uma interessante molduração é dada por essa designação!) do programa. A especiação de TV, entretanto, quando "recorta programas" (recorta-se tempos, na verdade) do mesmo ou de diferentes canais (*zapping*), produz um outro "programa". Esse tempo de tevê é, também, uma importante moldura, que foge ao controle do emissor, e deve ser considerada nos emolduramentos do espectador.

Destaco três tipos de programas cujas gramáticas precisam ser melhor compreendidas:

- a dos filmes e enlatados em geral, que a tevê torna efetivamente televisivos;
- os telejornais, porque seu principal conteúdo informativo não está nas notícias;
- e os programas ou quadros de entrevistas, por sua importante participação na vitrinização das *personas* brasileiras autorizadas a falar sobre a brasilidade dos brasileiros.

Panoramas televisivos e moldurações intrínsecas

As moldurações intrínsecas (que vão além da já bastante discutida edição) dos panoramas televisivos, são indicativas de muitas e diversas práticas de montagem que têm implicações éticas para as *personas* e para as situações intrinsecamente molduradas. Entretanto, são bastante produtivas as categorias usadas para a análise das montagens, desde que se leve em conta os atravessamentos, operados sobre os panoramas, das demais molduras que aí estão sobrepostas (as que estou indicando).

Programação

A programação televisiva é uma ethicidade contraditória, que contém o virtual (as grades) e sua atualidade (o fluxo). Ela define, organiza e relaciona tempos, espaços e *personas*, enunciando várias ethicidades televisivas. Por trás dela, há uma grade matriz, que fica oculta nas grades e mais ainda no fluxo, mas que é, talvez, a moldura das molduras, e a que as emissoras mais resistem em alterar.

Televisão

Ao inscrever a televisão, uma ethicidade complexa, na indústria da cultura, ofereço à consideração algumas alternativas, em função do "lugar da produção": que a televisão se atualiza em certos momentos de certas tevês como produtora de mercadorias culturais; que lhe cabe a vitrinização das mercadorias produzidas pela indústria; que ela seja pensada como uma usina de reciclagem de restos culturais; e, principalmente, no âmbito e na perspectiva desta abordagem, como produtora de molduras, moldurações e ethicidades televisivas.

Ao inscrever a televisão no campo da comunicação, ofereço à consideração outras alternativas, em função da discursividade televisiva, percebendo nela um caráter fundante e um caráter *sui generis* nos tensionamentos presentes nessa discursividade. O caráter fundante

do discurso televisivo tem origem no fato de que as enunciações se fazem numa relação de molduras sobrepostas, com remissões de umas às outras - incluídas aí as que o espectador sobrepõe -, conferindo aos sentidos uma razoabilidade nova, em um novo quadro de experiência, no interior do qual os sólidos são liquefeitos e os restos ganham sentido.

Nos termos do emolduramento desta abordagem, a televisão é virtualmente (eticamente) um composto de molduras, moldurações e ethicidades televisivas que dão a ver, com certos sentidos, os imaginários televisíveis. Ela se atualiza de certos modos nas práticas de emissoras de TV, produtores e criadores de programas e outras unidades autônomas, para o que intervêm, mais ou menos decisivamente, não apenas os espectadores, mas todas as pessoas e organizações que ingerem sobre o mundo das mídias. A televisão, na medida em que também se enuncia eticamente e está assujeitada nas práticas das moldurações que pratica, ela mesma é televisiva como todas as ethicidades de cuja enunciação participa.

CONCLUSÕES

Atualmente, no Brasil, a TV aberta tem agendado práticas em que prevalecem sentidos êmicos autoritários, enunciados por estéticas mais ou menos erráticas, mais personalistas que subjetivadoras, inseridas em panoramas que pretendem ser (nem sempre, é bem verdade) uma paisagem neutra e asséptica de certas brasilidades de certos brasileiros, autorizados a emitirem e a enunciarem ethicidades. Essas ethicidades são, no entanto, televisivas, o que significa dizer que são fruto de moldurações televisivas dessas ethicidades.

Nesses termos, a TV aberta no Brasil pode efetivamente ser pensada como um poder (que seria o quinto, e não o quarto), do qual participa visivelmente o poder oficial (o Brasil legal) e o poder oficioso (o Brasil do jeitinho dos bastidores que, a meu ver, no Brasil, é o quarto poder), entendido como o que emerge e governa à margem das instituições oficiais - o poder do compadrio - que frequentemente ainda e há muito tempo rege as relações que distribuem favores e privilégios no Brasil.

Situação verdadeiramente outra talvez estivesse colocada se o cardápio de emissores autorizados fosse outro, no qual houvesse uma desconcentração dos poderes hoje outorgados aos autorizados a emitir, e se os canais - estatais e comerciais - fossem efetivamente públicos, controlados não apenas pelo poder público, mas, principalmente, pela sociedade. Mas não é essa a situação dada. E mesmo que fosse, talvez de imediato não mudasse muita coisa, porque as homologias éticas praticadas co-instituem imaginários (e lógicas) de televisão que tendem a reproduzir-se também fora do mercado principal. Basta ver as molduras e moldurações que têm sido praticadas pelas tevês universitárias e comunitárias que estão no ar para constatar serem as mesmas.

Eu ainda insistiria, em todos os casos, e também por isso, na atenção à vida, nos termos propostos, por exemplo, por Bergson. Bergson (1999) diz que “Ao lado da consciência e da ciência, existe a vida. Existem tendências cujo estado se negligenciou e que se explicam simplesmente pela necessidade que temos de viver, ou seja, em realidade, de agir. A necessidade de se alimentar não é a única. Outras organizam-se em torno dela, visando a preservar o indivíduo ou a espécie. Cada uma dessas necessidades leva a distinguir, ao lado de nosso próprio corpo, outros corpos dos quais devemos nos aproximar ou fugir. São feixes luminosos que, visando à continuidade das qualidades sensíveis, desenham aí corpos distintos. Estabelecer essas relações muito particulares entre porções assim recortadas da realidade sensível é justamente o que chamamos viver. A maior ou menor tensão da duração exprime sua maior ou menor intensidade de vida.”

Pois, apesar de tudo, há vida na televisão aberta que se faz no Brasil, como de resto há vida no Brasil, porquanto é possível não resignar-se a práticas continuístas, homologicamente estruturadas e estruturantes, que, ao contrário, devem ser combatidas pelos homens de televisão, pelos profissionais da comunicação, pelas escolas de comunicação, pela pesquisa em comunicação, pelos espectadores de televisão... por todos quantos estejam preocupados em dar atenção à vida.

Na cartografia que fiz ³ e da qual decorre o presente texto, então, e por isso, foram dados a ver vários tensionamentos praticados na tevê: por emissoras regionais nas moldurações das redes;

³ "Ethicidades televisivas. Sentidos identitários na TV: moldurações homológicas e tensionamentos." Tese de Doutorado em Ciência da Comunicação (UNISINOS), orientada pelo Dr. Pedro Gilberto Gomes.

por programas na programação das emissoras; nas moldurações no interior dos panoramas; pela publicidade nas moldurações das emissoras; por programas e moldurações intrínsecas na enunciação dos gêneros; em relação a estéticas homológicas; em relação à homologia das máscaras e das *personas* televisivas; em relação às retóricas homológicas da publicidade; em relação às molduras e moldurações televisivas.

Tais tensionamentos são indiciais de "outras" televisões, enquanto que as categorias utilizadas (ethicidades, molduras e moldurações) são indiciais de "outras" percepções da televisão, a meu ver bastante razoáveis para adentrar as gramáticas televisivas e chegar ao propriamente televisivo.

OBRAS CITADAS

- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
 CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
 LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa: Portugalia, 1955.

OBRAS MAIS LEMBRADAS PELO TEXTO

- ANDACHT, Fernando. *De signos y desbordes*. Semiótica y sociedad. Montevideo: Montesexto, 1989.
 BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
 BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
 CANEVACCI, Massimo. *Antropologia da comunicação visual*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
 CHAUI, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna, 1981.
 EISENSTEIN, Sergei. *O sentido do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
 MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
 MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. Santafé de Bogotá: Convenio Andrés Bello, 1998.
 MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. *Los ejercicios del ver*. Hegemonia audiovisual y ficción televisiva. Barcelona: Gedisa, 1999.
 McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1999.
 ORLANDI, Eni Puccinelli. Vão surgindo sentidos. In: _____ (Org.). *O discurso fundador*. A

formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993.

REZENDE, Luiz Augusto. Cinema e televisão - heterotopias e heterocronias. In: SOCINE II e III: *Estudos de cinema*. São Paulo: Annablume, 2000.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias da comunicação*. Lisboa: Presença, 1997.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papyrus, 1997.

_____. Uma insólita viagem à subjetividade. Fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e subjetividade*. Saberes nômades. Campinas: Papyrus, 1997.

SANTAELLA, Lucia. *(Arte) & (Cultura): equívocos do elitismo*. São Paulo: Cortez/UNIMEP, 1982.

SODRÉ, Muniz. *Best-seller: a literatura de mercado*. São Paulo: Ática, 1985.

_____. A televisão é uma forma de vida (entrevista concedida a Paulo Cirne Caldas). *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia* (Faculdade de Comunicação Social), Porto Alegre/EDIPUCRS, n.16, p.18-34, dez. 2001.